

TÍTULO: UMA ESPERANÇA EM PEDAÇOS

AUTORES: Adilson Tolentino de Freitas; Tatielly Baião Bonan; Ana Maria de Oliveira Cintra

E-MAIL:

adifre@yahoo.com

tatybonan@starmedia.com.br

INSTITUIÇÃO: UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei

ÁREA TEMÁTICA: Saúde

1- APRESENTAÇÃO

O projeto foi implementado como extensão universitária da UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei, tendo em vista uma demanda do bairro Cohab (periferia da cidade de São João Del Rei –MG) endereçada ao Departamento das Psicologias em Agosto de 2000. Em carta assinada por lideranças locais da comunidade eram apresentados diversas queixas dos moradores que diziam não encontrar meios para lidar com seus jovens. Os problemas mais comuns referiam-se a abuso de drogas, prostituição de menores e freqüentes episódios de violência envolvendo os jovens e suas famílias.

A equipe de estagiários do projeto, visando uma confrontação de dados, procurou o Conselho Tutelar e a delegacia local na tentativa de realizar um levantamento de registros e boletins de ocorrência envolvendo pessoas daquele bairro nos últimos 6 meses. As informações obtidas apontavam dados que condiziam com as queixas apresentadas, notadamente nos itens envolvendo violência e drogadição. Entretanto, os números não eram muito diferentes daqueles registrados em outros bairros, demonstrando um quanto de desproporção presentes nas reclamações.

2- OBJETIVOS

Objetivos Gerais e Específicos: O projeto tinha por intuito primordial favorecer a produção criativa, individual e coletiva de cada participante através de oficinas de trabalho, lúdicas e esportivas. Pretendeu-se nestas atividades estabelecer um espaço de interação entre os jovens que possibilitasse um confronto crítico com a realidade social vivenciada por eles naquela comunidade. Nesta perspectiva, durante as atividades de cada oficina, as dinâmicas aplicadas priorizavam uma crítica social que acabava por remetê-los à implicação pessoal imprescindível para qualquer transformação da comunidade ou mudança das ações individuais. Dentre as queixas apresentadas, a ociosidade entre os jovens nos chamou atenção, uma vez que a comunidade não dispunha de nenhum espaço esportivo nem cultural. Este dado nos conduziu a uma hipótese de que a drogadição e a violência, compreendidos enquanto fenômeno social, representavam uma saída, bem

dizendo uma alternativa para o nada ter, nada fazer daqueles jovens. Este posicionamento era mantido pela cultura disseminada naquela comunidade de que se algo poderia ser construído ou modificado seria por intermédio de um Outro que não eles, um político, um empresário ou a universidade. Este fato justificava as dificuldades de mobilização existentes no bairro que, ademais das divergências políticas presentes nas lideranças, mascaravam dificuldades em se eleger um objetivo comum que exigiria uma mobilização grupal para qual ainda não estavam organizados.

As atividades realizadas em cada oficina eram ministradas por voluntários da própria comunidade sendo acompanhadas por um estagiário do curso de Psicologia. Em todas as atividades eram privilegiadas a escuta dos conflitos individuais explicitados e uma observação das relações interpessoais. Este procedimento permitiu identificar focos de tensão vivenciados por aqueles jovens na comunidade que de nós foram omitidos quando da realização do contrato com as lideranças locais que, em parceria conosco, se responsabilizariam pelo andamento do projeto. Os jovens nos apontaram a intensidade das disputas internas vivenciada pelas lideranças no bairro que até então desconhecíamos. Disseram-nos da manipulação que todos os projetos sociais implementados na comunidade vinham passando, no intuito de favorecer a imagem política dos grupos que lideravam o bairro. Esta constatação exigiu que realizássemos uma intervenção com os dois principais grupos políticos, objetivando esclarecer os reais motivos de nossas atividades e identificar os propósitos almejados por ambos frente ao projeto. A intervenção com as lideranças eram realizadas nas reuniões semanais onde ambos os grupos podiam se expressar acerca de seus temores e inimizades que os incomodavam já há algum tempo. Pretendíamos estabelecer entre os dois grupos políticos um novo espaço de relação que congregasse idéias não mais dividindo-as, mas somando, evitando tantas divisões que até o momento somente produziram dificuldades e carências na comunidade. Enfim, objetivamos construir com eles um ideal comum que se alcançado teria solidez marcando para além da comunidade, em toda a cidade a imagem de um grupo que deu certo. Para nós, a aceitação destes ideais comuns pelas lideranças, representavam a garantia da implantação e manutenção do projeto Conviver.

3 – METODOLOGIA

Sujeitos: As atividades eram realizadas com aproximadamente 100 jovens, com idade entre 10 e 18 anos, financeiramente carentes em sua grande maioria.

Recursos: Para execução das oficinas foram necessários os seguintes materiais:

Oficina de Pintura: tecidos, tintas acrílicas, cola, pincel e folhas de papel.

Oficina de Bordado: Algodão cru, Tamine, linhas e agulhas.

Oficina de Capoeira: cartolinas, fitas K7 e papel.

Cinema no Domingo: Fitas de vídeo, cartolina, televisão e vídeo.

Atividades esportivas: material esportivo (bolas, petecas, redes e cordas)

Espaço Físico: O espaço utilizado foi o da escola primária da Cohab, gentilmente cedido por sua diretora que apoiou nosso projeto disponibilizando 3 salas de aula em três dias na semana. Para realização dos jogos de futebol era utilizado um gramado localizado na cede da Associação de Bairro, que teve seu pátio esportivo reaberto para a comunidade após a implantação do nosso projeto.

Procedimento: As oficinas tinham frequência semanal e duração média de 3 horas. Conjuntamente às atividades previstas para cada oficina, dinâmicas de grupo eram aplicadas segundo o perfil de seus integrantes. Idade, relações interpessoais já existentes no grupo, afinidade entre seus membros eram referenciais para se estabelecer uma linha de intervenção que utilizando-se das dinâmicas grupais possibilitavam abordar temas específicos e de interesse geral. Após 3 meses de oficina, em todas elas havendo uma expressiva produção cultural e artística, o espaço reservado às dinâmicas configurava-se um lugar para reflexão onde os jovens podiam expressar seus afetos e temores mediante a confiança de que seriam ouvidos e respeitados em suas posições. Para resguardar a intimidade partilhada durante as discussões em grupo, um contrato formal necessitou ser construído pelos membros da oficina. No espaço reservado às reflexões, qualquer assunto seria permitido desde que não representasse motivos de ofensa e menosprezo com o grupo ou alguém em particular. O espaço de reflexão seria lugar para falar de si e da realidade, das dores e esperanças, do choro e das alegrias. Ninguém estaria obrigado a ouvir, mas ouvindo estaria subordinado ao desejo de um outro que iria decidir acerca do sigilo dos sentimentos ali expressados. O contrato se fez, e, na medida em que os jovens se expressavam, gradualmente fortaleciam a cada encontro os vínculos de confiança e afeto que confessavam jamais terem sentido ou assumido em toda uma vida.

Por entender que a comunidade deveria está sendo implicada no processo individuação (reconstrução de uma identidade mediante questionamento da realidade e implicação em sua mudança) propusemos encontros semanais com representantes locais e familiares dos jovens que viessem a se interessar. As propagandas para atrair os adultos às reuniões eram realizadas através de cartazes provocativos cujo conteúdo centrava-se em interrogar “o que será de teu filho depois de Conviver – Cohab”. Em outras palavras, lembrávamos as demandas iniciais da comunidade que, em desespero, clamava por auxílio para um presente tão incerto que seus jovens haviam se metido. A interrogação era deslocada para outro contexto, especificamente um novo presente marcado pelo ingresso dos jovens no projeto Conviver – Cohab. Outra tônica presente nas reuniões com a comunidade devia-se a uma avaliação do progresso alcançado e das limitações encontradas. Ao demonstrarmos os progressos, seguindo de sua confirmação pela comunidade, lembrávamos a intensidade das dificuldades que ainda enfrentaríamos caso o esforço de todos não fosse somado. A adesão ao projeto

demonstrada pela comunidade era interpretada como o estabelecimento de um espaço entre nós que possibilitava o surgimento de propostas de trabalho que priorizassem a manutenção e ampliação das oficinas existentes. Desde a implantação do projeto era a primeira vez a comunidade parecia realmente se implicar na transformação social de sua história que foi, durante tempos, esteve a mercê do auxílio piedoso de um Outro, do qual também nós, em primeiro momento, também assumimos tal papel.

4 - RESULTADOS

- O maior resultado obtido deveu-se à participação dos jovens nas atividades propostas pelas oficinas e escolhidas por cada um deles. Dos 100 jovens inscritos inicialmente no projeto, apenas 10 desistiram representando um índice de evasão de 10%.
- Por iniciativa própria da comunidade, seguindo o modelo das oficinas, foram implantados cursos de inglês instrumental que contaram com mais de 50 pessoas entre jovens e adultos.
- Surgiram voluntários para alfabetizar adultos e idosos respondendo a uma demanda de várias pessoas do bairro que, infelizmente, ainda não dispunha de uma escola com este perfil naquela região.
- As lideranças políticas estabeleceram um objetivo e metas comuns que foram alcançados permitindo a concretização do projeto. As alianças foram atestadas em ambos os grupos na medida em que estes disponibilizaram suas instalações (Sede da Associação de Bairro, Galpão de shows) para realização das atividades do projeto.
- Infelizmente o segundo ano de existência do projeto foi comprometido devido à falta de recursos materiais que até então eram doados por comerciantes da cidade. Uma pequena verba municipal destinada àquele projeto foi cortada no primeiro ano de gestão da nova administração municipal.

4.1 Demais impressões : A intensidade da experiência com o social sempre é uma experiência afetiva, da qual não se pode sair ileso. O interventor psicossocial é desafiado a todo instante a imergir-se no *Pathos* das relações sociais, numa vivência apaixonante que revela um homem que por vezes a academia hesita, temerosa, nos mostrar. Temerosa, pois em toda paixão se é afetado, turvam-se os sentidos enquanto a razão intrigada, não encontra respostas. Não há manuais que apresentem fórmulas preenchidas de certezas empíricas. Com os números são assim, com gente é diferente. Com aqueles jovens, com aquela gente, o melhor instrumento que nos valeu foi o próprio corpo que é indivíduo e social. Nos instantes em que as dinâmicas pareciam-se insuficientes em seus objetivos, eram as percepções que nos guiavam como que a vislumbrar por detrás de cada fala o surgimento do novo. E a novidade veio, surpreendeu a todos, interventores e interferidos. A dimensão magnífica dos adjetivos que um dia classificaram àqueles jovens, fez nos crer por alguns instantes que aquele trabalho bem deveria ser chamado de missão para qual deve se estar

preparado para negociar com a própria vida. Traficantes, homicídio, drogas e violência. Na realidade de um interior de Minas Gerais estes recortes soavam quase como um filme. E os mocinhos? Quem se habilita?

Um ano se passou, ainda não somos mocinhos, tão pouco havia o que se salvar. Eles tinham tudo o tempo todo. Em cada encontro, cada oficina ou dinâmica, os afetos se mostravam de maneira intensa e livre. Eles, como os sentimentos da paixão, provocaram e foram provocados. Suas convicções sobre si e sua realidade foram desestruturadas, e tudo sendo remexido exigiu que algo ali se organizasse. Em cada realização artística e cultural as peças eram remontadas, num espetáculo que de certo, não mais seria escrito por um terceiro que disse algum dia que eram delinquentes e não jovens criadores. A escrita de agora seria cunhada pelos punhos de sua própria vida segundo os rumos que seus desejos houverem de escolher como história.

6- BIBLIOGRAFIA RESUMIDA

ARENDDT, Hannah. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Relume – Dumara. 1994. 114 p.

BROWN, Joanne Carison. Em respeito aos anjos: Violência e abusos sexuais.

Concilium, Petrópolis. n.252, p.26-37, Fev. 1995

BERTOZZI, Sílvio Ricardo. Porque pessoas usam drogas. Insight. São Paulo. n. 34,
p. 22 – 24. Out. 1993

CUNHA, Luiz Antônio. A simbólica violência da teoria. Cadernos de Pesquisa. São Paulo.
n.43, p. 55-58 Nov. 1982

FRITZEN, Silvino José. exercícios práticos de dinâmicas de grupos. Petrópolis: Vozes
1987, 10 ed.

GOLDBERG, Jacob Pinheir. Aspectos psicológicos e sociais da violência urbana.

Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro. v. 34, n. 3, p. 137-138 Jul. – Set. 1992

KLEIN, H. Sydney. Sexualidade e agressividade na maturação: novas direções.

Rio de Janeiro: Imago. 1975. 98 p. 5 d. (Coleção Psicologia Psicanalítica)

RODRIGUES, Javert. Violência sexual na Psicanálise. Revista Reverso. Belo Horizonte.

n. 34, p. 92 – 98, Out. 1992